

## UM OLHAR OUTRO

Como sempre, também no passado dia 1 fomos ao cemitério municipal. Organizada pela Confraria das Almas, participaram na procissão as diversas confrarias da cidade.

Sou do tempo em que a procissão ao cemitério, nessa tarde, se fazia rapidamente, com algumas paragens ou «estações» para uma oração breve pelos defuntos. Ainda hoje tal acontece em muitas paróquias, prática mais justificada hoje devido à falta de padres, tendo estes de repetir o mesmo ritual em quatro, cinco e mais paróquias, o que implica distribuí-lo para além do dia de Todos os Santos. Também eu procedi deste modo no ano 2004. Fi-lo como continuidade de uma prática usual e também de modo a conhecer os usos e costumes.

Logo no ano seguinte, propus ao Conselho Pastoral a celebração da Eucaristia no cemitério, no exterior da capela, como acto de culto em que todos poderiam participar. Claro que tentámos preparar uma celebração condigna, num espaço que exigiu um estrado com toldo e uma sonorização que permitisse fazer chegar a mensagem aos presentes, espalhados por todos os cantos do cemitério. Tais exigências de ordem logística implicaram autorização do Município e despesas, para as quais foi pedido um subsídio à Câmara Municipal, que o tem concedido ano a ano, precisamente para que se possa fazer daquele momento um momento de interiorização e de comunhão agradecida para com os nossos familiares e amigos.

O que mais me «tocou» inicialmente foi o barulho demasiado, a conversa de «amigos» que ritualmente «tinham» de se encontrar naquele dia junto das campas dos falecidos. E pensei para mim: «o que fazer para dar a volta a isto»? De facto, o cemitério é um local de memória agradecida e, no contexto da fé, de oração de sufrágio. Reduzida a tarde ao cumprimento de um ritual, apressado até porque há outros cemitérios que também chamam e o tempo é curto, parecia-me muito pouco digno, senão mesmo ofensivo para quem se recolhe em oração, trazendo à memória a vida e os feitos dos que nos são queridos.

A colocação de vários cartazes, logo à entrada e pelo cemitério acima, cartazes que a Paróquia mandou fazer, com mensagens profundas a apelarem à consciência de um viver em qualidade, diante da morte como a realidade mais certa para todos, começou a dar resultados. Ainda hoje se mantém. Sinto agora a necessidade de os substituir por outros, igualmente cuidados no conteúdo e na forma.

Há poucos anos questionei os meus conselheiros - acto habitual depois de qualquer actividade realizada - acerca da oportunidade da celebração da Missa no cemitério. Pus a questão porque me parecia que havia muita dispersão e que a maioria das pessoas se mantinha alheia à celebração. Era também um parar para pensar, uma maneira de levar as pessoas a questionarem-se: «porque é que não houve missa?».

Na reflexão havida, concluí que os meus reparos não eram bem fundamentados, porquanto maioritariamente os conselheiros pronunciaram-se pela continuidade da Missa no cemitério. E assim continuou até aos dias de hoje. Percebi, nessa altura, que os meus reparos provinham mais da minha insatisfação pessoal, que preparava aquele momento, e, apercebendo-me da dispersão, as pessoas faziam-me crer que falava para as pedras. Felizmente que nada se alterou. Ou melhor, «converti-me» eu ao parecer dos conselheiros. Percebi que a celebração deveria primar pela simplicidade, pela homilia mais curta e incisiva e pela adequação ao espaço e ao tempo. É que raramente dispomos de uma hora calma para a celebração, dadas as condições atmosféricas.

Quando olhamos para alguns rituais religiosos, repetidos ano a ano, pode surgir a tentação de os desvalorizarmos, porque não trazem novidade. Mas estes rituais da morte, bem como outros celebrativos dos momentos mais importantes da vida, fazem parte de uma rotina sábia, necessária para o equilíbrio individual e colectivo. São rituais que, apesar de repetidos e conhecidos, quebram a rotina dos nossos dias. E são necessários como o pão que comemos todos os dias. Infelizmente, perdido o sentido da transcendência, da espiritualidade que nos constitui, a sociedade de consumo em que vivemos tenta impedir-nos de pensar e de considerar a morte certa. Com prejuízo para todos.

O Prior de Barcelos - P. Abílio Cardoso

Tiragem semanal: 1000 ex.



## P. ARLINDO TORRES SEIS ANOS DEPOIS

Já lá vão seis anos. A morte do P. Arlindo privou-nos de uma presença serena e alegre, colaborante e desprendida e de uma ajuda na vida pastoral cuja perda continuaremos a sentir. Foi a 13 de Novembro de 2012.

Terça-feira, dia 13, vamos sufragá-lo nas Eucaristias da Paróquia, convidando-se todos

os fiéis a associarem-se.

**Certamente os paroquianos de Barcelos marcarão presença significativa, como testemunho de gratidão ao P. Arlindo, de quem conservamos uma grata memória.**

## CRISMANDOS 2020

Inscreveram-se três dezenas de jovens (9º e 10º ano de catequese) e adultos na preparação para o Crisma. Na primeira sessão foi-lhes apresentado o esquema e o calendário da formação. O grupo será apresentado à Paróquia no dia 25, juntamente com os seus padrinhos. Na véspera, às 21.00, haverá uma sessão conjunta dos crismandos e dos seus padrinhos de Baptismo, que se encarregaram de convidar. Porque se cumpriram o dever de ajudar a educar na vida cristã, deverão merecer o convite dos afilhados para apadrinharem também o Crisma... se eles próprios tiverem sido crismandos.

## CONVITE AOS CATEQUISTAS

A Paróquia sente-se muito grata aos seus catequistas pela dedicação às nossas crianças, numa ajuda aos pais, pelo que o apostolado da catequese se tornou, ao longo dos tempos, o primeiro dever de uma Paróquia. Dando continuidade a uma decisão do Conselho Pastoral de há alguns anos, o Prior tem a honra de convidar todos e cada um dos catequistas, sejam do Centro da Matriz, sejam do Centro de Santo António, para um jantar que a Paróquia oferece: no próximo sábado, após a missa das 19.00. A todos se pede que, por email para [paroquiadebarcelos@sapo.pt](mailto:paroquiadebarcelos@sapo.pt), ou por SMS, digam, até quarta-feira à noite, que aceitam o convite.



# Construir

Boletim Paroquial de Santa Maria Maior - Barcelos

Ano XIV - Nº 45 - 11 de Novembro de 2018

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: [paroquiadebarcelos@sapo.pt](mailto:paroquiadebarcelos@sapo.pt)

Web: [paroquiadebarcelos.org](http://paroquiadebarcelos.org) - Facebook: [www.facebook.com/paroquiadebarcelos/](http://www.facebook.com/paroquiadebarcelos/)

## A enormidade de um gesto pequeno

Claro que os ensinamentos de Jesus, histórica e socialmente situados, têm sido constantemente reinterpretados. Só nos pode causar admiração como, durante dois mil anos, numa evolução constante de mentalidades, eles continuam a impor-se como de uma actualidade permanente. E porquê? Porque eles são vida. Não frutos de ideologias e criações de alguns. Aliás, sempre a Igreja acautelou contra a ideologização da fé. Jesus falou às pessoas concretas nas situações concretas. E a sua mensagem, a mesma de

### PEDITÓRIO PARA OS SEMINÁRIOS

As ofertas recolhidas no próximo fim de semana, ao terminar a Semana dos Seminários, serão enviadas para os Seminários diocesanos, como colaboração de todos na formação dos futuros padres. Agradece-se a generosidade... no espírito da viúva do Evangelho.

sempre, continua a ser desafiadora no nosso tempo ao falar de uma via outra, de um caminho diferente em relação àqueles momentâneos e imediatos, que, uma vez experimentados, se desmoronam, deixando angústia e e vazio. A partir deste vazio a proposta de Jesus impõe-se mais ainda como salvadora, inovadora e geradora de nova esperança. E a pessoa cresce e vai experi-

mentando. Com o tempo, aprende que o ensinamento de Jesus, mesmo que a princípio pareça estranho e difícil, acaba por ser reconhecido como verdadeiramente único. Já o aprendemos nós, os cristãos?

Seguidores de Cristo que nos dizemos, ao olharmos para o Mestre, vemos que Ele fez da sua vida um dom. E convidou-nos a seguir pelo mesmo caminho: dar tudo até à morte. Tudo e sempre, experimentando que quanto mais se dá (doar-se a si e não o que dizemos ter), mais recebemos em troca. Os próprios bens materiais, quando doados com sensatez e amor, multiplicam-se, pois levam consigo a vida de quem os doa. Habitados a dar do que sobra, Jesus convidou-nos a dar do que é necessário: aí é que está o verdadeiro dom. Aconteceu assim com as viúvas citados no Livro dos Reis (17, 10-16) e no evangelho (Mc, 38-44).

### ORAÇÃO PELOS SEMINÁRIOS

Deus Trindade, sabes o quanto somos mendigos de Ti.

À beira do caminho procuramos a luz que dá mais sentido aos nossos dias e cura todas as nossas cegueiras.

Tu passas sempre pela nossa vida e acendes em cada um de nós o desejo de sermos Teus discípulos.

Na Tua estrada queremos ser formados. Nas Tuas palavras e nos Teus gestos, Ser instrumentos da Tua graça.

Juntos no caminho, queremos ser comunidade enviada em missão

Rezamos por todos os que arriscam seguir-Te, especialmente os seminaristas e pré-seminaristas.

Rezamos ainda por todos aqueles que se entregam totalmente a Ti e colocam a sua vida nas Tuas mãos.

Pedimos-Te que continues a despertar os corações adormecidos para que mais jovens das nossas comunidades aceitem o desafio de Te seguir.



### ESTÁTUA DE S. JOSÉ

Um grupo de moradores da Urbanização de S. José lançou a ideia de uma estátua a implantar na Rua Abel Varzim. Contactada a Câmara, que aceitou o pedido, foi-lhes dito que seria conveniente que o pedido fosse encaminhado pela Paróquia. O Prior convocou o Conselho Económico que, em visita ao local, amadureceu a iniciativa e aceitou comprometer-se com ela, sem encargos para a Paróquia. Sabemos que está em curso uma angariação de fundos entre os moradores. O Prior espera que a mesma seja compreendida e acolhida dentro do espírito de uma boa harmonia entre todos, segundo o evangelho de Jesus, e contribua para fortalecer os laços de boa vizinhança.

O Prior - P. Abílio Cardoso

## Intenções das missas a celebrar na Matriz

(Segunda a Sábado: 19.00 / Domingo: 11.00 e 19.00)

**Segunda, 12 – S. Josafat**  
Leituras: Tit 1, 1-9  
Lc 17, 1-6**Terça, 13 –** Leituras: Tit 2, 1-8. 11-14  
Lc 17, 7-10**Quarta, 14 –** Leituras: Tit 3, 1-7  
Lc 17, 11-19**Quinta, 15 – S. Alberto Magno**  
Leituras: Flm 7-20  
Lc 17, 20-25**Sexta, 16 – S. Margarida da Escócia  
e S. Gertrudes**  
Leituras: 2 Jo 4-9  
Lc 17, 26-37**Sábado, 17 – S. Isabel da Hungria**  
Leituras: 3 Jo 5-8  
Lc 18, 1-8**DOMINGO, 18 – XXXIII DO TEMPO COMUM**  
Leituras: Dan 12, 1-3  
Hebr 10, 11-14. 18  
Mc 13, 24-32

## FORMAÇÃO DOS MEC's

Os padres do Arciprestado agendaram para 12 de Janeiro, das 9.00 às 12.00, uma formação para os Ministros da Comunhão. Dados os temas do programa, que está em elaboração, esta formação destina-se a todos, mas é obrigatória para aqueles que vão ser reconduzidos, tendo terminado o triénio para que foram nomeados.

**Sexta, 16 –** Maria Adelaide Lopes Araújo, marido e filho**Sábado, 17 – Intenções colectivas:**

- Manuel dos Reis Carvalho (aniv. nascimento)
- Jorge Martins da Silva Correia
- José Ferreira, esposa Isaura e filho José Luis
- Manuel Pereira de Sousa Monteiro e esposa Amélia da Silva
- Fernando Araújo Pinto (aniv.), esposa Maria da Paz e Fernandinha
- António Pereira Brandão
- Mariana Pinto de Azevedo Martins, marido e filhos
- Familiares de Alice Lima
- Luís Carlos Duarte Miranda (7º dia)

**Domingo, 18 –** 11.00 - Missa pelo povo  
19.00 - Pelos irmãos, vivos e falecidos, da Confraria das Almas

## SERÁ O MUNDO (APENAS) UM MERCADO?

1. O mundo já não é bem uma aldeia, como vaticinara Marshall McLuhan. Para Gilles Lipovetsky, tornou-se, tão-somente, um mercado. O poder do mercado é imenso e a sua influência nem sequer é demasiado subtil. É sobretudo muito perigosa. Se repararmos bem, já não é a democracia que tutela o mercado. É o mercado que tutela a democracia. É o mercado que dita regras e impõe leis. «O poder do mercado estrangula a liberdade da governação. Hoje em dia, há uma hipertrofia do mundo capitalista que faz a democracia perder o poder que tinha». Já não é a política que manda. Temos todos «o sentimento de que a democracia é fraca em comparação com o mercado. Há como que uma impotência política por oposição à hiperpotência económica». O mercado permite-nos satisfazer necessidades básicas. Mas a evolução que tomou impede-nos de realizar as nossas aspirações. E que, talvez sem darmos conta, deixámos de ser cidadãos para nos transformarmos em consumidores. O mercado foi um sonho que se está a tornar um pesadelo. Começámos por ver realizadas necessidades materiais e, de repente, verificamos que há um limite para a sua concretização. O desejo de ter rapidamente degenerou na ambição de possuir.

2. Na hora presente, tornamo-nos críticos do modelo que desenhámos. Mas nem assim conseguimos sair do cerco em que nos enredámos. Denunciamos o consumismo, mas não paramos de consumir. E sofremos imenso quando não consumimos tanto como gostaríamos. Acompanhamos as revoluções no exterior, mas porventura não nos apercebemos da revolução que se vai operando no nosso interior. É que, no fundo, substituímos a felicidade pela satisfação. A felicidade preenche-se com ideais. Já a satisfação limita-se aos produtos. A felicidade não dispensa o bem. A satisfação alimenta-se de bens.

3. Num mundo dominado pelo mercado, tudo tem um preço e nada parece ter valor. Como assinala Lipovetsky, «o mercado tem uma lógica que faz com que não se ocupe dos valores». O seu objectivo é o lucro. A sua motivação é a concorrência. Aqui, «não há valores éticos». Deixámos de aspirar pelo melhor para nos concentrarmos no mais: mais dinheiro, mais dinheiro, mais dinheiro. Para muitos, «não há outro fim. É o dinheiro pelo dinheiro, ganhar por ganhar. Se não ganhas, morres. A moral não existe neste terreno». Daí a sensação de «uma ferida democrática que se manifesta numa decepção democrática». Há um grande afastamento e uma enorme «desconfiança em relação aos políticos». As pessoas votam cada vez menos até porque sabem que a decisão não está na política. Está na economia. Está nos mercados.

4. Para Lipovetsky, a espiral dominadora do mercado e a vertigem do consumo ainda não pararam. Ainda estão na fase ascendente. E não vão ser a ética e a moral a deter o movimento. Actualmente, somos impotentes para fazer recuar a loucura do consumo. E não haverá qualquer possibilidade? Só por uma «transformação do sistema escolar, que leve as pessoas a encontrar um sentido para a vida para lá do consumo». Por muito que nos iludamos, «o consumo não foi concebido para nos dar felicidade. O consumo significa apenas satisfação. A prova é que se pode consumir sem que se esteja feliz». Há, pois, que apostar num novo paradigma de existência, menos dependente das coisas materiais. Precisamos de um novo espírito, de maior interioridade, de mais lucidez. Precisamos, enfim, de reencontrar a nossa alma.

João António Pinheiro Teixeira, In DM 06.11.2018

## SEMANA DOS SEMINÁRIOS

DE 11 A 18 DE NOVEMBRO

«Formar discípulos missionários» é o tema da Semana dos Seminários 2018 que as dioceses portuguesas vão viver entre 11 e 18 de novembro, um "momento especial para olhar com mais atenção e cuidado para esta importante realidade da vida da Igreja".

Na sua mensagem o presidente da Comissão Episcopal das Vocações e Ministérios, da Conferência Episcopal, afirma que a Semana é um momento especial de vários olhares: "De gratidão, de realismo, de responsabilidade e compromisso, de confiança e esperança".

"Todo o batizado chamado à vocação sacerdotal é um discípulo gerado na família e na comunidade cristã que se dispõe a fazer um caminho de discernimento e preparação para participar, como pastor, na missão que Jesus confiou à Igreja", escreve D. António Augusto Azevedo, que lembra o Ano Missionário e realça que os seminários formam discípulos para "a missão da Igreja de hoje".

Os materiais da Semana dos Seminários 2018 foram preparados pela Diocese de Coimbra e no guião, para além da mensagem, disponibilizam a proposta de uma vigília de Oração pelos seminários, a Oração pelo Seminários, a sugestão de preces para a Oração Universal, os Mistérios Gozosos do Rosário e ainda "pequenos instrumentos" com o hino.

## APRESENTAÇÃO DO PROJECTO REUNIÃO DE CATEQUISTAS

**SALAMA** – Será no próximo sábado, às 10.00, em Braga. Será também apresentado o plano de formação de voluntários para trabalharem na paróquia de Ocuca em Moçambique. Não haverá em Barcelos quem queira fazer uma experiência missionária?

Os catequistas vão reunir no próximo sábado, às 17.30, antes da missa e do jantar/convívio. Vão cuidar da preparação do Advento e Natal, envolvendo as crianças nestes tempos fortes da liturgia.

**MISSA NO CEMITÉRIO** – Promovida pela Confraria das Almas, haverá nova celebração da missa, na capela do cemitério, em sufrágio dos fiéis defuntos, amanhã às 10.00.

## FORMAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS

Na próxima quinta-feira, às 21.00 nas salas de catequese, teremos nova sessão de catequese de adultos orientada por leigos da Paróquia.

**ZONA PASTORAL** – Os padres da Zona Pastoral Centro vão reunir na próxima quarta-feira às 21.00.

**ESCUTEIROS** – Na próxima sexta-feira decorre o encontro de Guias XIII até domingo.

**ORAÇÃO AO RITMO DE TAIZÉ** – Será no próximo sábado, na Igreja do Terço, animada pelos jovens Miryam, das 15.30 às 16.30.

## OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

- Anónimo – 10,00
- Família n.º 4 – 10,00
- Família n.º 498 – 20,00
- Amélia Cardoso – 50,00

TOTAL DA SEMANA – 90,00 euros

A transportar: 15.306,40 euros  
Despesas até agora: 27.131,46 eurosÉ POSSÍVEL EXPLICAR A MORTE  
A UMA CRIANÇA?

Mãe, Jesus desce pelo arco-íris para vir buscar as pessoas que morreram para as levar para o Céu? Não é difícil imaginarmos-nos a balbuciar quando uma criança nos dispara uma pergunta como esta, seja enquanto a levamos à escola, apressamos o pequeno-almoço ou numa altura mais tranquila. Ao lidar com o desconhecido, o ser humano sempre procurou explicações. As crianças retomam essa procura, através das suas perguntas. O momento da morte de alguém querido é tempo de questões. Há alguma metáfora mágica capaz de acalmar a inquietação? Nem metáfora mágica, nem regra universal.

Sejamos sinceros. A maioria das pessoas tem dificuldade em encarar o mistério da morte. É um tema de que não se fala, e em que não se quer pensar. Um medo inconfessado. No entanto, a morte faz parte da natureza. Aceitar a condição de criatura finita é o primeiro passo para aprender e ajudar a lidar com a morte. Sendo a morte natural ou abrupta, nunca é possível explicá-la totalmente, dar razões da sua justiça. Por isso, às perguntas difíceis que a criança possa colocar sobre a morte, o melhor não é sempre dar respostas diretas, mas falar-lhe de forma natural, descontraída e verdadeira sobre o pouco que sabemos. Não ter medo de não saber e de dizer que não se sabe.

E o que é que sabemos?

Sabemos que não é o fim. Acreditamos que Jesus morreu e ressuscitou e que esse é o nosso caminho. Quando uma pessoa de quem gostamos morre, sofreremos, temos saudades. Mas sabemos uma coisa muito boa. Quem morre entra numa vida nova junto de Deus. Aí experimenta, para sempre, a alegria de ser acolhida por Deus, de Amar e ser Amada. Nesta nova vida, ninguém está sozinho, vive com a família de Deus Pai e de Jesus. Desta família fazem parte todos os que acolheram o convite de Deus para viver com Ele, aqueles de quem se gostou mais e aqueles de quem não se gostou tanto. Quando morrem, os nossos familiares e amigos partilham connosco o amor e a alegria que vivem. Nós não os vemos, mas eles estão sempre a ver-nos. Nunca se esquecem de nós.

Nós também não nos esquecemos deles e até podemos falar com eles sobre a nossa vida, sobre as coisas boas e más, os momentos mais sérios e os mais divertidos. Não se deve mascarar a tristeza da criança, ao ponto de não lhe dar a possibilidade de sentir o desgosto. É importante participar do seu sofrimento, chorando com ela e não escondendo a dor que também se sente. No entanto, uma atitude de fé do adulto, aceitando a morte, ajuda a criança a viver com paz este momento. Também não é bom entrar em grandes dramatismos. O ambiente deve ser sereno, procurando-se que a vida decorra com toda a naturalidade. À medida que o tempo passa, é bom falar dos que partiram, quando vier a propósito, sem lamechices. Pode-se recordar e celebrar os dias de aniversário, agradecendo as suas vidas. Não podemos explicar a morte a uma criança. Podemos acompanhá-la e – sem demasiadas palavras – partilhar com ela a esperança.

In Passo-a-Rezar, citando Domingas Brito e José Maria Brito, sj.

In Mensageiro do Coração de Jesus, julho 2016